



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

À Câmara Municipal de Espinho ESPINHO

DOMINGO
11
 Fevereiro - 1962
 N.º 1559
 Ano XXX Sétima VIII
 (AVENÇADO)
 Visado pela C. de Espinho

BIBLIOTECA MUNICIPAL
 ESPINHO

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
 Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administradores: M. BRAGA
 Comp. e Imp. na TIPOGRAFIA ESPINHENSE - Rua 14 - Telef. 920192

CHAIMITE

Faz bem abrir um parêntesis nos dramas da actualidade, e relembrar, através da História nacional, os factos do passado que têm continuidade no presente.

As ambições sobre os nossos territórios ultramarinos, que civilizámos após as suas descobertas, nos quais implantámos os padrões da nossa soberania e da nossa crença cristã, constituíram um pretexto para nos espoliar, como se essas ambições fossem doutrina de seguir, recta e iniludivelmente, como está a acontecer nestes dias, vêm de longe a envenenar o direito e a justiça. Podemos no entanto afirmar sem desmentido, que os pretextos invocados para os piratas basearem as suas intervenções, foram sempre, e continuam a ser, aqueles que as revoltas sopradas de fora suscitam aos governos ambiciosos um poder que não possuem à face da dignidade humana. Têm de pisá-la.

Isso aconteceu no final do século passado, quando os vátuas, levados por uma nação que não tinha o direito de nos calcar, foram revoltados contra a nossa bandeira, e mantiveram, durante o ano quase inteiro, o sul de Moçambique a ferro e fogo. Os actos da actualidade são os mesmos que foram seguidos há 66 anos, sempre de traição aos deveres impostos pelas letras dos tratados, e pelos métodos contrários usados por nós sempre que tivemos de os patentear sem disfarces, nem regateados quando soasse a hora para tal.

O pretendido desejo de aumentar o poderio da África do Sul, então colónia inglesa, pela anexação da melhor parte de Moçambique, levou a Inglaterra a aliciar o vátua Gungunhana para levar a efeito o seu vil plano de esbulho.

Ambicioso, forte e ardiloso, era o chefe requerido, porque não recusaria nunca o ataque frente a frente, fosse qual fosse o inimigo que tivesse de defrontar. Mas a nossa aliada já nos tinha, anteriormente, feito sentir o fel amargo da sua prepotência imperialista e como dona do seu mais refinado orgulho, comparável ao da sua rainha Vitória.

A África era por esse tempo, ainda desconhecida através do seu interior, porque ninguém se atrevera até então a desvendar os seus mistérios, por causa dos sérios riscos que podiam correr todos quantos se atrevessem a afrontar os mares de capim, os ataques das feras e dos nativos, a escuridão das florestas virgens e outras surpresas que pudessem surgir.

Só um povo audaz, para quem o medo não criava obstáculos, vencedor do Mar Tenebroso, poderia levar a cabo a árdua empresa, e mais uma vez os portugueses venceram.

Fizeram-no Roberto Ivens e o seu companheiro Hermenigildo de Brito Capelo que, após porfiados e tenazes esforços, descobriram os mistérios da longa selva desde a costa do Atlântico até à contra-costa. Sempre os portugueses! Sendo esses territórios terra de ninguém, nós tínhamos o pleníssimo direito de nos instalarmos como possuidores daquelas terras que pertenciam a quem as demandasse pela valentia. E então imaginámos o chamado «mapa cor de rosa», ligando Angola a Moçambique. Mas os britânicos opuseram-se. Eram os poderosos desse século, prontos para se aproveitarem do trabalho dos outros e colherem os frutos alheios. Resistimos, mas as nossas forças eram pequenas para defrontarmos a valentia do leopardo que nos ameaçava com a letra do ultimato de 1890, e foi mais um «favor» que ficámos a dever com a retirada das nossas tropas das posições que nos pertenciam. Veio então a nossa resistência titânica, em 1895, quando a Inglaterra desejou tirar-nos o que legitimamente possuíamos com o domínio legitimado através de séculos.

Perante a investida dos vátuas, a ordem só seria vencer ou morrer.

(CONCLUI)

RUI DE FARIA

CORRIGINDO
 No artigo «Dois Mundos» publicado em 4 do corrente, apareceu por lapso o ano de 1961 em vez de 1960, que ficará agora corrigido, pois os factos descritos realizaram-se no mesmo ano, no mesmo dia e possivelmente nas mesmas horas, pelo menos em grande parte.
 Sem esta coincidência, o artigo perderia todo o seu interesse.
 R. de F.

Manuel Laranjeira

Está marcado para o próximo domingo, dia 18, o almoço de despedida do nosso antigo colaborador e vigoroso jornalista Manuel Laranjeira, promovido por uma Comissão de bairristas e dedicados amigos seus.

Os demais amigos e admiradores que ainda queiram inscrever-se para essa reunião íntima, podem fazê-lo nos seguintes lugares: Café Moderno, «O Nosso Café», Café Lugil e Café Avenida.

A Comissão organizadora é constituída por: Benjamim Dias, J. Pinto Ribeiro, Alvaro Pereira, Joaquim Tato e Joaquim Cadinha.

O almoço realiza-se num dos principais restaurantes desta Vila. As pessoas que ainda se queiram inscrever devem fazê-lo até ao dia 16, sendo-lhe no acto da inscrição entregue a senha respectiva.

OS BOMBEIROS V. DE ESPINHO

homenagearam o seu antigo comandante

Embora tardiamente tivesse chegado ao nosso conhecimento a notícia que se segue não queremos deixar de a registar por se tratar de alguém que durante os anos que aqui exerceu funções oficiais, procurou ser útil à nossa terra.

O sr. Dr. Elísio Duarte Gomes que passou a exercer a sua profissão no concelho de Ponte do Sor, tendo-a exercido nesta vila durante dezasseis anos, foi homenageado pelo Corpo Activo da Associação dos Bombeiros Voluntários de Espinho de que era Comandante há dez anos.

A homenagem teve lugar no salão nobre da referida Associação no dia 31 de Dezembro, p.º passado, pelas 12 horas, revestiu um cunho de muita amizade pelo Dr. Elísio Gomes. Com o Corpo Activo formado na sua quasi totalidade, o ajudante do comando, sr. Alberto Faustino proferiu palavras da maior consideração e respeito pelo homem que sempre foi um trabalhador dedicado e interessado pela colectividade onde produziu obra de valor e que, pelo motivo da sua retirada desta vila, abandonava o cargo que exerceu tão distintamente.

Em nome do Corpo Activo ofereceu-lhe uma placa de prata com dedicatória e que tinha colocada a um canto o distintivo da Associação, em esmalte.

A homenagem assistiram todos os corpos gerentes e alguns associados, tendo-se identificado com ela, com palavras de louvor, o presidente da Direcção que manifestou o sentir de quantos se encontravam presentes.

No dia anterior, no Restaurante Aquário, os corpos gerentes da Associação ofereceram ao sr. Dr. Elísio Gomes um jantar que serviu de pretexto para ser enaltecida a sua passagem pela colectividade e onde se produziram afirmações de muita fé no futuro da Associação.

Pela Imprensa

«JORNAL DE MOURA»

Completou 41 anos de existência o nosso prezado colega «Jornal de Moura» de que é director nosso distinto amigo e assíduo frequentador da nossa Praia, sr. Godinho Cunha, incansável defensor dos interesses da sua região.

«O CONCELHO DE MURTOSA»

Entrou no 36.º ano de vida dedicada aos interesses da ridente Vila da Murtosa este conceituado órgão regional do qual é digno director o sr. dr. João Carlos Vaz de Cunha.

«O CORREIO DO VOUGA»

Este bem apresentado órgão semanal proficientemente dirigido pelo sr. Caetano Fidalgo entrou há pouco no seu 31.º ano de publicação.

— Aos estimados colegas aniversariantes apresentamos os nossos parabéns acompanhados de ardentes votos de felicidades.

Farmácia de Serviço, HOJE

Grande Farmácia

Rua 62 Tel. 920092

A CRIAÇÃO DE NOVAS COMARCAS

e a restauração de outras

O ilustre deputado, sr. dr. António Nunes de Lemos, na sessão da Assembleia Nacional de 2 do corrente, referindo-se à próxima publicação de um novo Estatuto Judiciário, visto que o actualmente em vigor já está muito desactualizado, manifestou a crença de que no novo Estatuto não deixará de ser reconhecida a necessidade da criação de novas comarcas e a restauração de outras que foram extintas em 1926 pelo ministro Dr. Manuel Rodrigues.

As judiciosas considerações do sr. dr. Antunes de Lemos não podiam deixar de merecer o apoio de muitos milhares de portugueses que há muito tempo têm direito a ter Justiça na sua própria terra, ou muito próximo dela, pelo volume da sua população, pelo seu valor económico e por outras razões.

Não faz sentido que haja comarcas com 90, com 60 e 30 freguesias, havendo concelhos com sedes que são verdadeiras cidades e não têm comarca própria, como sucede com Espinho.

A deslocação à sede da comarca, embora aprazível para quem tem o seu automóvel e não tem afazeres, é sempre prejudicial para os que têm negócios ou obrigações a cumprir e que muitas vezes, por motivo insignificante, é obrigado a ir ao tribunal, quantas vezes tendo de abandonar os seus negócios e os seus afazeres com evidentes prejuízos.

Ora isto não está certo; não é próprio dos tempos de hoje, e por isso foram muito oportunas as considerações do digno deputado sr. dr. Antunes de Lemos.

A Justiça é uma instituição necessária, indispensável para conciliar desavindos, para resolver litígios, para castigar delinquentes e criminosos, para defender inocentes.

Deve, por isso, ser o mais acessível possível aos povos, mesmo aos humildes, vítimas das injustiças humanas ou sociais que por falta de recursos para ela não podem recorrer.

A Justiça deve ser acessível a todos os indivíduos, não apenas aos que dispõem de dinheiro para gastar. Há muitas pessoas ofendidas, prejudicadas, que desejariam recorrer à Justiça mas que o não fazem por terem de se deslocar a léguas de distância o que é motivo de desarranjo da sua vida, por temerem as despesas que teriam de fazer.

Oxalá, pois, que as palavras de S. Ex.ª tenham encontrado eco em quem de direito e que o diploma em estudo traga dentro em breve aos portugueses uma divisão judiciária justa e equitativa, que dê satisfação a todos os povos que há muitos anos aguardam que lhes dêem aquilo a que se julgam com direito, que aguardam que se lhes faça justiça.

Notícias do Ultramar

Fornecidas pela Agência Noticiosa Lusitania

LOURENÇO MARQUES, 7 (via marconi) — Depois de uma visita de dois dias a esta Província, regressou esta manhã a Salsibúria acompanhado de sua esposa e dos membros da comitiva, o Primeiro Ministro da Federação das Rodésias e Niassalândia Sir Roy Welensky.

No aeroporto o ilustre visitante teve uma earlhosa manifestação de despedida por parte do Governador Geral almirante Sarmiento Rodrigues e esposa, e das mais altas individualidades da capital e de numeroso público que ali ocorreu a manifestar a Sir Roy Welensky a simpatia que goza entre os portugueses de Moçambique.

Durante a sua estadia entre nós, o Primeiro Ministro do vizinho território das Rodésias e Niassalândia, visitou em Lourenço Marques o seu porto e agrupamento industrial da Matola, e a Sociedade Nacional de Refinarias de Petróleos, e ainda a cidade de João Belo. Foi obsequiado com um banquete pelo Governador Geral, e numa entrevista colectiva dada ontem aos representantes dos jornais locais e das agências noticiosas fez importantes declarações sobre futuro da África e

sobre as relações entre a Federação e Portugal que são as melhores.

Em virtude do falecimento ontem ocorrido a princípio da tarde do Cardeal Arcebispo de Lourenço Marques, Dom Teodósio Clemente de Gouveia, o Governador Geral determinou que todos os edifícios públicos, unidades e estabelecimentos militares, conservem a Bandeira Nacional a meia haste durante três dias, a partir das 12 horas de hoje.

Os serviços públicos encerram hoje a partir das 16 horas e amanhã das 9 horas às 11.30.

BISSAU, 6 (via marconi) — A Associação goesa do Tanganica endereçou ao Governador Comandante Peixoto Correia, o telegrama enviado ao Secretário Geral da ONU de protesto contra a invasão brutal do território português da Índia.

Na carta que acompanha aquele telegrama, o presidente da Associação Goesa diz da indignação que vai em todos os portugueses do Tanganica pelo bárbaro atentado e faz um apelo a todos os portugueses da Guiné para que juntem as suas forças e evidem os seus esforços a fim de escorrer os invasores e os lacaios de Nehru instalados injustamente no sagrado território de Goa, e comunica que essa

Continua na 2.ª página

A Filosofia da Existência

A Insuficiência do Idealismo

É difícil determinar por tangentes temporais o momento exacto em que se deu a reacção existencialista, de oposição franca ao idealismo moderno. Julgam alguns historiadores e críticos — os mais audazes nas suas afirmações, pelo menos — que tal reacção não se deu «ex abrupto», não nasceu nesta ou naquela escola, mas que se levantou, pouco a pouco, da insuficiência do idealismo hegeliano para preencher do idealismo lacunas que aquele sistema consentia nas suas coordenadas ideológicas. Cremos que tal afirmação, apesar de ousada, não deixa de ter razão suficiente.

Embora a filosofia, na sua evolução através do tempo, esteja dependente desta ou daquela elite cultural, deste ou daquele sistema que mais novidades apresenta, o certo é que ela não deixa de ser, essencialmente, um reflexo mais ou menos completo da alma humana e das suas aspirações. Não há necessidade ser um filósofo profissional (a filosofia, como todas as ciências, tende a transformar-se numa profissão) para filosofar; que o homem, por natureza, é filósofo como diz o velho Aristóteles tomando à palavra no seu sentido etimológico — Amigo da Sabedoria. O próprio público, alheio à formação livreira, colegial ou universitária, cristalizou este pensamento naquele refrão do «Livro da Vida» ao dizer: — «O saber não ocupa lugar».

Mas como dizíamos, os críticos e historiadores — esses gigantes da cultura e das datas históricas — não determinam datas à vertente da Filosofia da Existência. Não obstante o dito, cremos com alguns críticos que a causa da reacção existencialista é fruto do pedantismo lógico dos idealistas e, simultaneamente, das condições sociais em que se encontrava a sociedade da segunda metade do século dezanove. Estas condições, se bem que num determinado sentido, tinham melhorado, por outro mantiveram-se, e aqui radica uma das explicações que se apresentam para explicar o seu domínio actual.

Condições de carácter económico-social motivaram o aparecimento do marxismo. E a revolução de Marx é uma revolução de cunho filosófico-social. Pois mudando estas circunstâncias para o campo intelectual, alguns encontram a razão de Ser do Existencialismo — ou, como alguns lhe preferem chamar, da Filosofia da Existência, no conteúdo vazio do idealismo hegeliano que, ao negar qualquer realidade exterior, defendeu, com engenho e perspicácia, a tese de que a realidade não passa de um conjunto de relações lógicas e psicológicas da inteligência humana. Fraco sistema para explicar o «modus vivendi» do ante e post-guerra! A realidade do perigo racista alemão e a desolação da guerra de 14 bastam para dizer aos filo-idealistas que um conjunto de relações lógicas não são capazes de explicar a trajectória de uma granada nem o atoador tiroteado de um combate.

O homem, cansado do tormento idealista e ameaçado pela realidade da dor, tentou desalojar o sistema filosófico fundado e alicerçado no primeiro termo do binómio cartesiano e voltar-se, conscientemente, para a realidade da vida.

A fertilidade do princípio cartesiano dará origem a um novo modo de pensar. Sobre ele assentará uma nova filosofia. Da sua sorte pouco podemos dizer porque ainda não está definida. No entanto, quer-nos parecer que a insuficiência das suas bases gerará uma nova filosofia. Esta inovação assentará no mesmo princípio do filósofo revolucionário francês, a qual, doseando e definindo os dois membros do seu binómio, em pouco se distanciará das coordenadas do sistema aristotélico-tomista.

O Existencialismo e os existencialistas modernos

O ponto de partida da filosofia existencialista é a existência. A própria palavra o indica, se bem que não signifique tudo aquilo que pretende significar. Que seja do nosso conhecimento, ainda não foi dada uma definição exaustiva da nova posição filosófica. Os próprios autores, de carácter e inclinação existencialista, esforçam-se e debatem-se inutilmente para a definir.

A razão potentíssima desta divergência e dificuldade assenta no duplo significado da vertente existencialista: quer ser filosofia e literatura, simultaneamente.

É filosofia enquanto quer reduzir a essência do homem à sua existência. O existencialismo, no seu fundo mais autêntico, não pretende surpreender o imobilismo da essência humana — aquele universal que une todos os indivíduos da mesma espécie, igualando-os — mas aquilo que ele tem de mais particular e individual — a mobilidade da existência concreta — oposta a qualquer sistematização geral ou lógica. Os genuínos existencialistas, como Heidegger ou Sartre, analisam o homem tal como está no mundo. Vem o fenómeno do existente qual se manifesta no seu *hic et nunc* local e temporal. Por isso o existencialismo é filosofia. No entanto, esta base que pretende (e em certo sentido realiza as suas pretensões) ser filosófica abre-lhe o caminho da literatura.

Nada mais propício à descrição que o particular e o individual. Mas esta descrição não se deve entender no sentido romântico cultivado em novecentos. Não. Descreve o fenómeno do existente tal se apresenta descartado das relações lógicas das ideias e das categorias da inteligência.

A filosofia clássica, partindo do particular, corria vertiginosamente em direcção ao universal, espécie de paraíso onde matava a sua sede de totalidade. O moderno existencialismo, esquecendo propositadamente o

universal, detém-se pacientemente na análise demorada da realidade humana e do seu comportamento.

Actualmente, representam esta corrente o francês Paulo de Sartre e o almeida Martinho Heidegger.

Difere essencialmente o existencialismo destes dois representantes.

Enquanto a obra de Sartre é cómica, trivial e nauseabunda, a de Heidegger apresenta-se séria e estruturada, uma terminologia difícil, capaz de criar na mente dos estudantes novos um respeito sagrado pelo destino de cada ser que vive no mundo e que se debate, dramaticamente, nas malhas fechadas da angústia, da ansia, do medo e da morte.

Enquanto que Sartre nos faz rir, mesmo quando usa linguagem séria, Heidegger atemoriza-nos, muitas vezes, com seus termos banais,

Pela trivialidade sartriana a sua obra esgota-se e as edições multiplicam-se, enchendo os mercados. Em Portugal, o existencialista francês goza da simpatia dos novos e os seus heróis são imitados nesta terra de tão puras tradições filosóficas. Antero e Leonardo Coimbra condenariam, com certeza, a sua doutrina e vergastariam com acoutes de fogo e ânimo intelectual os que aceitam incondicionalmente o conteúdo doutrinário do ateu francês!

Pela dificuldade de interpretação do «Ser e Tempo» de Heidegger a sua obra, em geral está esquecida, sendo frequentemente desprezada pelo estudante português.

Não é justa esta atitude. Sòmente nos condena perante o público estrangeiro que imagina o estudante português capaz de assimilar o que é de fácil intelecção. O difícil, creem eles, agoniza lentamente no caixão do esquecimento.

Júlio Silva

VOZ INTERIOR

Canta

uma canção violenta de goivos e de vermelhos cravos de crepe e escreve o silêncio que se segue a tu cantares

Não adormeças de frio à beira de cada lírio que te subir à garganta

Seria belo calar o mais grave protesto do gesto de não cantar

mas eu prefiro que cantes

Canta encanta e desencanta a ideia de te calares

DOMINGOS DE OLIVEIRA

Orwell, Russel e... Futebol!

Num inquérito realizado numa sociedade de escritores, em Londres, uma das doze perguntas de que era formado, destacava-se pela sua originalidade, (isto passava-se pouco mais ou menos um ano antes de eclodir a Segunda Grande Guerra), es-

ta pergunta era acerca da «acção de estreitamento de relações entre as nações por intermédio do Futebol». A esta curiosa interrogação respondia George Orwell, autor de «A quinta dos Animais» e «1984», pondo em evidência o seu espírito apodado dum intenso cepticismo: «Quem quizer aumentar os já muito desenvolvidos sentimentos antagonísticos que hoje existem no mundo, poderá fazê-lo, da melhor maneira possível, organizando uma série de desafios de futebol internacionais entre Judeus e Arabes, entre Alemães e Checos, entre a Índia e a Inglaterra, Rússia e a Polónia, Itália e Jugoslávia,» e o autor de 1984 concluiu, pessimista: «Admiro-me cada vez que ouço dizer que o desporto internacional aumenta a vontade entre os povos e que quem se encontra num campo desportivo terá menos inclinação de se encontrar num campo de batalha.»

A mesma pergunta, outro autor e maior filósofo, sem dúvida superior a Orwell, Bertrand Russel, apresenta o seu ponto de vista se não optimista, de grande valor lógico, demonstrando a sua avantajada envergadura de eminente filósofo: «Os instintos, que antigamente impeliavam os nossos remotos antepassados à caça e à pesca, necessitam de campo de acção; se nada encontrarem transformam-se em ódio e crueldade. É precisamente para estes instintos que existem campos de acção livres de mal, em lugar da luta destruidora existe a luta de competição e o desporto.»

Poucos terão pensado como o futebol ou o desporto se poderiam emiscuzir na filosofia; a verdade é que a Filosofia em tudo penetra por mais inverosímil que isso tudo pareça.

11 — 1 — 1962

Conde Rodrigo

«120 Anos de Literatura Teatral Portuguesa»

Foi posta à venda, em 2 volumes profusamente ilustrados, a obra «TEATRO PORTUGUÊS — do romantismo aos nossos dias», da autoria do Dr. Luís Francisco Rebello.

Trata-se de uma vasta antologia que além de um estudo prévio, insere as peças mais significativas do nosso teatro nestes últimos 120 anos.

Completa a obra uma primeira parte, agora em curso de publicação, e referente ao período que decorre das origens do teatro ao romantismo.

A distribuição é do Circulo do Livro, Lda., de Lisboa. A venda nas livrarias.

Suplemento Cultural

DEFESA DE ESPINHO

11/2/62

CIENCIA ARTE LITERATURA

CIENCIA ARTE LITERATURA

CIENCIA ARTE LITERATURA



CIENCIA ARTE LITERATURA

As Ruínas de Conimbriga

“PEDRAS QUE FALAM”

ENTRE campos de cereais e montados deazinheiras e oliveiras erguem-se a desafiar os tempos as vetustas ruínas de uma antiquíssima cidade romana em território português — A cidade de Conimbriga.

A sua origem perde-se na poeira

dos tempos. Mas segundo parece esta povoação existia já muito antes da chegada dos Romanos. A confirmar, tem aparecido vários objectos arqueológicos, que os entendidos levam a localizá-la no Período Neolítico e na Idade de Ferro. Até mesmo sob o ponto de vista toponímico o nome «Conimbriga» atesta ser de origem céltica.

Com a ocupação pelos Romanos na Península Ibérica e nomeadamente em Portugal, foram restauradas antigas cidades autóctones e construídas outras novas em regiões escolhidas. Foi assim que os novos habitantes da Península ergueram sobre as antigas ruínas dos céltas uma nova cidade com o mesmo nome de Conimbriga.

As primeiras descobertas desta importante estação arqueológica deram-se em 1899. Daí para cá, fizeram-se, ainda que vagarosamente, várias escavações, onde se têm encontrado numerosas esculturas religiosas e profanas, vasos de cerâmica e de bronze e moedas de vários tipos e tamanhos. Além disso, puseram-se a descoberto o mais belo conjunto de mosaicos que se encontraram no nosso país e que podem ser vistos e admirados no próprio local pavimentando ainda alguns salões dos palácios e das casas particulares, as conhecidas «vilas romanas». Numa vista em conjunto da parte descoberta, os arqueólogos mostraram à luz do dia, vários palácios com as suas colunas de tijolo, vilas romanas e balneários públicos.

Uma grande muralha com uma porta monumental virada a poente divide mais ou menos a meio a porta da cidade descoberta. Esta muralha parece que foi construída à pressa com pedras das próprias habitações para suster o avanço dos Bárbaros — os Visigóticos — sobre a cidade.

A poente da muralha há ainda vestígios de casas e palácios com o res-

pectivo sistema de aquecimento. Consistia este sistema de vários arcos cruzados de tijolo como um forno, colocados debaixo do soalho feito de uma espécie de argama de partículas de tijolo. As eram lançadas achas de madeira que se acendiam e aqueciam toda a casa. E' de notar ainda e talvez seja novidade para muitos dos nossos leitores, que existia já naqueles remotos tempos, serviço de saneamento.

Puseram-se a descoberto, com efeito, uma rede perfeita de esgotos que percorria toda a cidade.

A nascente da muralha encontram-se as únicas ruínas completas de um palácio com as suas respectivas colunas erguidas ao céu.

Ao lado situa-se um balneário público que presentemente está cheio de água corrente, realização que se deve à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Todos os achados arqueológicos podem ser admirados no Museu «Machado de Castro» em Coimbra.

Em Abril do ano passado tivemos ocasião de ver que ao lado das ruínas, a nascente, estava-se a construir um edifício para museu com o fim de guardar ali tudo que se encontra naquela estação arqueológica, realização a todos os títulos louvável, pois dá oportunidade no visitante, além de admirar as ruínas, poder também apreciar todas as obras de arte ali encontradas.

A cidade de Conimbriga teve o seu fim com a invasão dos Bárbaros nomeadamente os Visigóticos no Século V, isto é há 1500 anos aproximadamente.

Espinho, 2 de Janeiro de 1962

Francisco Manuel do Couto

POETAS INGLESES

A PRIMEIRA VEZ

À primeira vez que ele me abraçou apenas beijou os dedos da mão que traça estas linhas, Mas depois esta mão mais pura e mais branca se tornou Mão pronta a erguer-se como se dissesse: «Escuta, quando falam os anjos!» Não me podia trazer um anel de ametista mais claro a meus olhos que esse primeiro beijo.

O segundo beijo procurou a minha fronte e apenas roçou meus cabelos ao de leve Ventura suprema! Era o crisma do amor. O amor coroando o próprio amor. O terceiro beijo deposto em meus lábios envolveu-se na mais bela púlpura real. E cheia de orgulho, murmurei: «Oh meu amor!»

ELISABETH BARRET BROWNING

Tradução portuguesa inédita de

JORGE RAMOS

Continua na folha seguinte

TIPOGRAFIA ESPINHIENSE

Benjamim da Costa Dias

Trabalhos tipográficos em todos os géneros nos mais modernos e variados tipos

JORNALS CARTAZES RECLAMOS

Ruas 14 e 33 Espinho Telefone 92 01 87

JULIA

CONFEITARIA, MERCEARIA FINA E FRUTAS

Especialidades diversas e Regionais—Depósito dos Vinhos da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, dos Biscoitos Paupérto e da Agua da Terra Nova

JULIA BARBOSA LOURENÇO
Gerência de João Lourenço
Rua 19, 264 Telef. 920204 ESPINHO

Colégio de S. LUIS

PRAIA DE ESPINHO Telefone 920060

Internato e Externato para Rapazes
Externato - 3.º ciclo - para Meninas

Ensino Lical: 1.º e 2.º ciclos - para Rapazes.
3.º ciclo, 6.º e 7.º de Letras e Ciências - para Meninas e Rapazes (Curso Misto).

Ensino Técnico: Ciclo Preparatório (Industrial e Comercial), Curso Geral do Comércio.

Instrução Primária e Admissão aos Liceus e Escolas Comerciais

COLÉGIO DE N.ª S.ª da Conceição PARA MENINAS

Internas,
Semi-internas,
e Externas

Avenida 24-ESPINHO-Telefone 920303

M. P. Moreira

Telefone 920031 - Espinho
Fábrica de Guarda-sois

Gabardines e Sobretudos Camuflý
GRANDE MARCA

Calçado de todas as qualidades, Chapéus de homem, Malinhas de Senhora, Luvas, etc.
Grande sortido

CASA ROLA

Largo da Graciosa, 37 — Telef. 920616
ESPINHO

ARMAZÉM DE MALHAS, ATOALHADOS, MEIAS, PEUGAS, BORDADOS, RENDAS CAMISARIA, COLCHAS, COBERTORES E MIUDEZAS.
JUNTO E RETALHO

Aproveite esta ocasião única
grande liquidação de saldos

Cervejaria e Restaurante Aquário

Manuel Rodrigues Mourinho
Rua 10 n.º 28 - Telefone 920377

Almoços e Jantares - mariscos
conservas e cervejas ao copo

Ao «Ponto Chic»

ANGULO DAS RUAS 8 E 19
Elias Pereira Tavares & C.ª, L.ª

Pastelaria e Mercearia fina, presunto, fiambre, paio e queijo das melhores procedências - Bebidas finas e diversas especialidades

Casa Padrão DE

Francisco Fernandes Padrão

Rua 16-681 - Telefone 920168
Agente das Tintas Plásticas e dos esmaltes Fetecon

Artigos de picheiro, bombas, torneiras louças sanitárias, montagens de quartos de banho, etc.

PADARIA CENTRAL

Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.ª

Especialidade em pão sem fermento artificial—pão sistema espanhol tosta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higiénicos processos. A padaria mais higiénica de Espinho. As melhores instalações no género no norte do País

Angulo das Ruas 14 e 23 • Tel. 920135

Padaria Ferreira

M. Nunes da Silva & C.ª

Pão de todas as qualidades fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos

Especialidade em pão com fermento natural
Todos os dias as deliciosas «Vianas d'Austria»

Séde: Rua 19-245 - Filial: Rua 62-691
ESPINHO

Estima, Valente & C.ª, L.ª

FABRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA

Especialidade em caixas APLAINADAS e MARGADAS para embalagem de figo

Tel. 920028 - Teleg. ESTIVALENTE
— ESPINHO —

Grande Garagem de Espinho

Clemente Silvestre Rodrigues Sabença

Estação de Serviço SHELL—Pronto Socorro Permanente—Seções de Mecânica, Chapeiro e Pintura—SHELL BUTAGAZ, fogões, fogareiros etc.

Venda de carros usados
Rua 62 n.º 384 Tel. 920552 ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.ª

ARMAZENISTAS DE MERCEARIA CEREAIS E GORDURAS

Agente em Espinho da Companhia Produtora de Leite e Cerveja Portuguesa CERVEJA PRETA MUNICK e Refrigerantes SCHWEPPE

Ruas 16 e 25 - Tel. 920190 - Espinho

Cadinha & Couto

Mercearia, Cereais, Azeites

ARMAZENISTAS
Armazens e escritório:
ANGULO DAS RUAS 18 e 25
Tel. 920052 - ESPINHO

Armazém de Mercearia, azeites, farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO

Depósito de Açúcar, Toucinho e Gordura

Telefone 920505
Rua 9-455 a 447 - ESPINHO

CONFEITARIA SAMEIRINHO

Especialidade em Bolos, Doces regionais fabricados na mesma confeitaria

Sala de Chá
Serviço de Café, Chocolate e Cacau

Manuel Augusto de Castro
Rua 19 n.º 196 - Telefone 920485
ESPINHO

Padaria e Confeitaria «Modelar»

a casa mais elegante de Espinho neste género, mecanizada pelos mais modernos processos higiénicos

MATOS & IRMÃO
Rua 18, 953-957 - Tel. 920127 - Espinho

Esmerada fabricação de pão de todas as qualidades. Pão de forma para torradas e sanduiches, fabrico especial desta casa. Secção de pastelaria e confeitaria

Filiais em Paços de Brandão

Padaria Afonso DE

V.ª de Afonso Ferreira Gaio

PÃO DE TRIGO E DE MILHO
Especialidade em fabrico de Pão Integral

Rua 14-863 ESPINHO Tel. 920169

HORVA

FABRICA DE MOBILIAS E OBJECTOS UTILITÁRIOS

Vimes, juncos, mistos e palmito

Rua 14 N.º 1244-1252 - Tel. 920291
ESPINHO

Fábrica HÉRCULES

Afonso Henriques, Sucrs.

Fábrica Transformadora de Matérias Plásticas
Apartado 40 - End. Teleg. HÉRCULES
Telefone, 920144 - ESPINHO

Casa dos Vidros

de Vidraria Ferreira Agostinho de Sousa Ferreira

Depósito de Vidraça em caixa, cortada ou colocada, Molduras para caixilhos, Espelhos, Tijolos e Telhas de Vidro

Grande desconto para Revenda
Rua 30 n.º 655 ESPINHO
TELEFONE, 920750
PRÓXIMO À CENTRAL ELÉCTRICA

PENSÃO DO PORTO

Junto ao Teatro S. Pedro
Telefone 920391—ESPINHO

PENSÃO RESTAURANTE LUSO-IMPÉRIO

Junto ao Casino
Telefone 920394—ESPINHO

Propriet.ª: MANUEL VENTURA

Serração a vapor DA PONTE DE ANTA

Francisco B. de Castro & Filhos, L.ª

Soalhos, forros aparelhados, madeiras para a construção civil e calçotaria

Telefone, 920067 - ESPINHO

LUSO-CELULOIDE

de HENRIQUES & IRMÃO, L.ª

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

Telefone, 920070 • ESPINHO • Apartado, 22

Bijuterias, Travessas, Travessões, Ganchos, Fentes, Óculos, Espelhos, Calçadeiras, Cartelas para passas, Bolas, Rocas, Bonecos, Máquinas para barbear, etc., etc.

«Defesa de Espinho»

Preços das assinaturas, por ano:

Portugal Continental	55\$00
Províncias Ultramarinas	
Brasil — remessa semanal	
— via marítima	80\$00
Venezuela remessa semanal	
— via marítima	100\$00
Idem — via aérea	280\$00
Idem — via aérea — Semestre	140\$00

NUMERO AVULSO 1\$20

MOPE, L.ª (Agência Informadora Comercial)

Proprietária do Boletim «Guia do Crédito»

A maior Organização estabelecida no País

PORTO	LISBOA:
Rua de Sá da Bandeira, 235/1º	Av. da Liberdade, 105
Telef. 24655 e 28468	Telef. 35419 e 367583
End. Tel. MOPE	End. Tel. GUIATO



Porto — Gaia — Espinho Régua — Torres Vedras

Vinhos de Pasto, verdes e maduros Aquisição directa na origem.

Para as Ex.ªs Donas de casa Qualidades esmeradas
uma garantia de qualidade em Recomendamos também o nosso
garrações de 5 litros. Vinagre feito de vinhos puros e em
garrafas com rolha especial recu-
perável

A' venda nos bons estabelecimentos

Vinho Puro... Alimento Puro...

Fogões a gás butano ou hulha

VITÓRIA E PROGRESSO

Duas marcas que se impõem

Fabrico com garantia e assistência técnica da

Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª
ESPINHO

À venda nos estabelecimentos locais:

AGÊNCIA CIDLA — Rua 23 n.º 252
LOUÇARIA GUERREIRO — Rua 16 n.º 485